



SEÇÃO: TRADUÇÃO

## O Lugar da Psicologia na Classificação das Ciências<sup>1</sup>

*The Place of Psychology in the Classification of the Sciences*

*El Lugar de la Psicología en la Clasificación de las Ciencias*

**Wilder Silva de Souza<sup>2</sup>**

[orcid.org/0000-0002-2932-3802](https://orcid.org/0000-0002-2932-3802)  
[wildersouza00@gmail.com](mailto:wildersouza00@gmail.com)

**Lauro de Matos Nunes  
Filho<sup>3</sup>**

[orcid.org/0000-0002-4489-876X](https://orcid.org/0000-0002-4489-876X)  
[lmnf23@gmail.com](mailto:lmnf23@gmail.com)

**Recebido em:** 14 set. 2022.

**Aprovado em:** 10 jan. 2023.

**Publicado em:** 20 jun. 2023.

Parece-me, embora eu só dê minha opinião com alguma reserva, que o estudo da psicologia propriamente dito pertence ao grupo das "Ciências Naturais", e exige ser cuidadosamente distinguido de dois ramos do pensamento que podem ser razoavelmente chamados filosóficos, a saber, o grupo filosófico abstrato ou exato, constituído pela lógica exata e pela matemática racional pura<sup>4</sup> de um lado, e o grupo filosófico concreto das *Geisteswissenschaften* (ética, interpretação filosófica da história, arte, religião, etc.) do outro<sup>5</sup>.

De fato, na minha opinião, a consideração que deveria ser feita acerca do conhecimento dos métodos da psicologia científica como uma parte indispensável do aparato mental do filósofo é que, devido à relativa atualidade da separação entre psicologia e filosofia geral, é atualmente mais fácil para ele entrar em contato em primeira mão com os principais métodos e postulados de trabalho da ciência experimental na psicologia laboratorial do que na física e na química laboratoriais. Que algum grau de conhecimento em primeira mão, tanto do tipo de precauções que devem ser seguidas na experimentação quanto dos métodos matemáticos pelos quais uma série de observações isoladas pode ser feita para produzir uma fórmula geral confiável (métodos de interpretação, aproximação, correção de erro provável, estatística, etc.), deveria ser adquirido por todo estudante voltado para os problemas críticos da teoria da cognição é algo, como presumo, pouco provável de ser negado no presente estado do pensamento filosófico; e, como digo, o laboratório de psicologia parece ser o lugar mais adequado para a sua aquisição por meio de um gasto mínimo de tempo e de energia mental.

(Se me permitem divagar por um momento a fim de fazer uma observação que pode ser interessante para aqueles que, como eu, têm



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

<sup>1</sup> Lido perante a Associação Filosófica Americana, de Cambridge, Massachusetts, EUA. [N.T.] Ver discussão sobre a afiliação da psicologia com a filosofia e as Ciências Naturais no Annual Meeting of the American Philosophical Association (1906). Alfred Edward Taylor (1906) argumenta que a psicologia parece estar mais associada às Ciências Naturais do que às ciências filosóficas. Para o filósofo britânico, a psicologia se distingue das ciências filosóficas abstratas (lógica formal e matemática) por sua dependência de premissas empíricas baseadas no testemunho da percepção direta e por envolver em seu significado uma referência a um determinado momento no tempo. Nesse sentido, a psicologia assemelha-se às ciências empíricas da natureza física e difere das ciências filosóficas abstratas e concretas (ética, filosofia da religião, filosofia da história etc.).

<sup>2</sup> Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil.

<sup>3</sup> Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC, Brasil.

<sup>4</sup> Isso englobaria pelo menos a aritmética e toda a teoria de conjuntos, finita e transfinita. Se isso incluiria a geometria, depende de nossa visão quanto à questão disputada, se os princípios da geometria incluem "teoremas de existência" extralógicos ou não.

<sup>5</sup> [N.T.] O termo alemão "*Geisteswissenschaften*" é usualmente traduzido como "ciências do espírito ou ciências humanas".

que ministrar regularmente cursos sobre lógica elementar, sempre sustentei que a lógica "indutiva" pode ser ensinada de forma proveitosa e em estreita conexão com a simples prática laboratorial, e é precisamente a conveniência com a qual essa prática pode ser fornecida na forma de experimentos de classe psicológica que, a meu ver, justifica o sistema de McGill e de algumas outras universidades onde um curso de meio ano em psicologia precede a primeira introdução do aluno à lógica).

Para voltar ao nosso assunto imediato: o que, a meu ver, distingue as Ciências Naturais ou empíricas de ambos os grupos que denominei estudos filosóficos é a presença de teoremas de existência empírica entre seus dados. Por teorema de existência *empírica* quero dizer a asserção da existência num determinado momento do tempo de um fato no qual se acredita, em último recurso, apenas pelo testemunho de uma apreensão imediata. Assim, os teoremas de existência empírica, no sentido em que estou usando o termo, são idênticos, ou quase, à classe de afirmações que Leibniz chama de "verdades de fato". Sua peculiaridade distintiva é que eles não são sequer vistos como autoevidentes, como é o caso, pelo menos em minha opinião, dos teoremas de existência fundamentais da lógica e da aritmética, nem ainda são deduções rigorosas por métodos lógicos exatos de um grupo exato de premissas enumeradas que são elas mesmas evidentes, como é o caso das conclusões das diferentes geometrias, se concedermos que esses estudos não dependem de nenhum teorema de existência extralógico.

Como diria Leibniz, a negação de um teorema de existência empírica "não implica contradição"; acredita-se no teorema simplesmente porque em um dado momento parece que encontramos um exemplo dele em nosso próprio sentimento ou sensação imediata não analisada, ou inferimos das afirmações e dos gestos dos outros que eles teriam encontrado tais sentimentos em si mesmos. Em outras palavras, um teorema de existência empírico é, do ponto de vista lógico, uma proposta existencial complexa envolvendo

em seu significado uma referência a um determinado momento ou intervalo de *tempo*. A forma geral de tal proposição é "x existe *agora*", no qual o "agora" é uma variável cujo valor para qualquer afirmação tem que ser fixado por referência a uma origem ou a uma data padrão assumida arbitrariamente a partir da qual nossos cálculos são feitos. Os teoremas de existência da lógica, no entanto, precisamente porque não envolvem tal variável de tempo, estão todos preocupados, em minha opinião, com o conhecimento da verdade simples e evidente, e os objetos por eles conhecidos constituem, para usar um termo indispensável, mas vergonhosamente degradado e mal aplicado que já está na hora de resgatar dos ciolistas<sup>6</sup> [*sciolists*], o verdadeiro *noumena* da filosofia.

Ora, devo sustentar que todos os dados observados e registrados nos quais nossas inferências psicológicas se baseiam, e todas as conclusões que podem ser legitimamente obtidas desses dados, são do tipo que acabamos de descrever, e que até agora não há nenhuma diferença fundamental de caráter entre a psicologia e as ciências, tais como a física e a química. Uma objeção a essa afirmação pode, de fato, ser tomada com base no seguinte argumento. Sua descrição, pode-se dizer, aplica-se suficientemente bem ao curso de nossas percepções sensoriais [*sense-percepts*] e à sucessão de nossas lembranças [*memory-images*]. Elas são, como se diz, afirmadas como existindo na força de nossa consciência imediata e não analisada de uma determinada apresentação, ou melhor, de um determinado *objeto* apresentado. Somente essas percepções [*percepts*] e imagens [*images*] não são, estritamente falando, fatos *psíquicos* ou fatos de *consciência*. Todas elas são objetos extramentais no único sentido em que o termo extramental tem um significado definido. Ou seja, as percepções e as imagens não estão de todo *na* mente, no sentido em que os termos de uma série estão *na* série; não são os elementos a que chamamos de "mente"

<sup>6</sup> [N.T.] Termo aportuguesado cuja origem provém da forma latina diminutiva de *conhecer*, indicando um conhecimento de natureza superficial.

ou "consciência" o complexo total. (E por isso, a propósito, surge uma possível dúvida se pode haver a rigor *alguma* psicologia da percepção ou do pensamento). Mas quando você chega a fatos genuinamente psíquicos, tais como emoção, desejo, volição, prazer-dor [*pleasure-pain*], você não está lidando com objetos extramentais apresentados, mas com processos que são os verdadeiros constituintes do complexo que eu chamo de minha "mente" ou "consciência". Pode-se, então, dizer que eu afirmo a existência desses processos com base no testemunho de uma apreensão não analisada? Não será isso cair na falácia psicológica de um extremo representacionalismo? Essa objeção não tem, creio eu, nenhum peso real. O que distingue experiências como as de dor ou as de prazer de experiências como as de vermelho ou doce não é certamente isso — as primeiras *não* têm *nenhum* objeto, mas seu objeto é em si mesmo uma atitude da mente do percipiente. Sou eu quem sofre ou se alegra, embora não seja necessariamente eu que sou vermelho ou doce.

A psicologia, de fato, pode e faz uso de supostos elementos hipotéticos que não são legitimamente considerados como dados de experiência pessoal de fato. Ocorre isso principalmente quando se assume a existência de sensações puramente simples, de estados mentais subliminares e subconscientes, ou de "disposições" psíquicas, em geral, como matéria-prima mental congênita. Mas não vejo que, nesse ou no uso ainda mais livre de elementos hipotéticos característicos de uma psicologia do tipo associacionista, a psicologia aja de outra forma que não seja como ciências, tais como a química ou a física. Em ambos esses estudos, a tarefa de inferir o curso real de um processo contínuo a partir de observações de dados isolados é simplificada pela suposição, para fins de cálculo, de simples elementos hipotéticos que não podem ser realmente exibidos na experiência e que podem ser concebíveis como meras criações metodológicas da teoria. E a forma típica de abstração empregada nesse processo parece, até onde posso ver, ser a mesma em todos os três casos.

Depende do pressuposto de que pequenas diferenças individuais entre um elétron, um átomo químico, uma mente e outra são insignificantes. Assim como tratamos, *e.g.*, todos os átomos do mesmo elemento como idênticos, pelo menos dentro do campo de nossas observações, com respeito a seu peso ou afinidades químicas, assim tratamos mentes diferentes como iguais com relação às formas que reagem a modificações típicas em seu ambiente. Nossas generalizações são em cada caso obtidas pela suposição estatística de que as divergências individuais de um tipo padrão, se elas realmente existirem, serão muito pequenas para fazer uma diferença apreciável no resultado. A única diferença séria entre a psicologia e as ciências físicas, até onde posso observar, reside na maior confiança com que podemos inferir que um processo físico real será encontrado em conformidade com a lei geral típica à qual nossa hipótese nos conduz. Se isso se deve à maior complexidade real da estrutura da mente humana em comparação com a dos elementos reais da ordem física, ou se é meramente uma ilusão humana decorrente do fato de que estamos mais familiarizados com as mentes individuais do que com as individualidades do mundo físico, não irei tentar decidir isso aqui.

Talvez se possa afirmar que a psicologia se distingue radicalmente das ciências físicas pelo fato de que, embora elas lidem com objetos igualmente perceptíveis a uma pluralidade de sujeitos, a psicologia se preocupa exclusivamente com o que o professor Münsterberg<sup>7</sup> chama de *objeto individual* [*individuelle Objekte*], objetos cognoscíveis apenas em um ato único e por um único sujeito. Mas será essa diferença totalmente acertada? Se quisermos manter rigorosamente a distinção, então não devemos tampouco sustentar que realmente não existe uma psicologia da cognição, uma vez que os *objetos* imediatos da cognição (qualidades dos sentidos, coisas físicas, imagens-memória [*memory-images*], conceitos universais) são todos *objetos supraindividuais*

<sup>7</sup> [N.T.] Hugo Münsterberg (1863-1916) foi um psicólogo e médico alemão responsável por importantes contribuições à psicologia, em especial à psicologia aplicada.

[überindividuelle *Objekte*], enquanto, acerca dos processos únicos, por meio dos quais os indivíduos são cognoscentes desses objetos, pode pelo menos ser posto em dúvida se a introspecção cuidadosa revela certas evidências de sua existência; *i.e.*, pode ser que, por um lado, o que chamamos agora de psicologia da cognição seja uma mera etapa temporária da fisiologia cerebral e, por outro lado, a lógica de um futuro mais científico. De qualquer forma, o caráter lógico de uma ciência deve ser determinado não pelo caráter dos supostos objetos simples que ela conhece, mas pela natureza de seus postulados metodológicos. A partir desse ponto de vista, a psicologia parece fazer o mesmo tipo de uso que as ciências físicas fazem dos conceitos principais da ciência mecânica, ou seja, a formação de complexos totais a partir da combinação de elementos simples e da lei da sequência uniforme. É verdade que suas "leis" ainda dificilmente começaram a ser expressas de forma numérica exata e, portanto, a natureza "não quantitativa" da ciência é frequentemente considerada como constituindo uma diferença radical entre a psicologia e as ciências físicas. Mas eu mesmo não estou satisfeito com as razões que geralmente são aduzidas para considerar isso como mais do que um defeito temporário causado pela condição comparativamente incipiente do tema. Em princípio, não vejo nenhuma dificuldade na correlação determinada das funções psíquicas com os valores numéricos. Além disso, na duração do processo mental, parece evidente que temos uma instância óbvia de uma função psíquica suscetível de determinação numérica. E, novamente, pesquisas como as de Ebbinghaus<sup>8</sup> e outros sobre memória e esquecimento parecem nos apresentar os primeiros passos de um tratamento genuinamente matemático dos processos psíquicos.

O que, como eu concebo, distingue absolutamente a psicologia das ciências filosóficas é o tipo de uso que estas últimas fazem dos ideais

*noumenais* transcendentais, nos quais nenhum elemento de fato empírico — nenhuma variável temporal — parece entrar. As ciências filosóficas abstratas, a lógica e a matemática pura, parecem estar sempre preocupadas com as relações entre esses ideais *noumenais*, e é para essas ciências uma questão de pura indiferença se esses ideais são ou não aproximadamente imitados pelos objetos sensíveis da experiência temporal. Em outras palavras, os únicos objetos cuja existência é pressuposta por essas ciências são as entidades suprassensíveis ou *noumena*, no sentido próprio, da lógica exata. Na medida em que se faz uso de arranjos [*arrangements*], diagramas ou modelos sensatos, exceto como meras fontes incidentais de sugestão e auxílios à imaginação, suponho que podemos dizer com segurança que estamos lidando com má lógica e má matemática.

As ciências filosóficas concretas [*concretel*], com efeito — as chamadas *Geisteswissenschaften* —, têm uma maneira de considerar o fato temporal da biografia e da história, e assim incluir teoremas de existência empírica entre suas afirmações. Mas elas não as consideram, como as Ciências Naturais, com o propósito de inferir mais teoremas de existência empírica, mas para julgar o valor intelectual, moral e estético dos objetos em questão à luz dos padrões ideais transcendentais de valor. Em um sentido muito mais amplo do que o do simplismo moralista da expressão, não apenas ética e estética, mas lógica e matemática formal, lidam com o que "*deveria*" ser [*ought*], mas não é revelado pela percepção como algo sempre realmente existente em um dado momento. Há, com certeza, um preconceito persistente na filosofia moderna, ou pelo menos na filosofia pós-hegeliana, segundo o qual somente aquilo que tem a garantia de percepção imediata não analisada realmente "é", e os ideais das ciências filosóficas são meramente "ideias" subjetivas. Devo confessar um viés ineludível em favor da convicção platônica oposta de que é precisamente aquilo que está em conformidade com o padrão ideal que tem o direito de ser o que realmente, e no verdadeiro sentido da palavra, "é", e que as discrepâncias

<sup>8</sup> [N.T.] Hermann Ebbinghaus (1850-1909) foi um psicólogo alemão precursor nos estudos de psicologia experimental, destacado por suas investigações sobre a memória.

entre as revelações da percepção imediata e as exigências do ideal serão encontradas no exame cabível ao fato de que a visão da percepção direta em qualquer momento é ao mesmo tempo limitada pela imperfeição dos órgãos e pela estreiteza de atenção, e distorcida por todo tipo de suposições metafísicas inconscientes e não testadas. A julgar pelo padrão platônico, devemos dizer que a dependência da psicologia de teoremas de existência empírica acerca de si própria a priva da verdade como conhecimento da natureza humana, quando contrastada com a biografia ou a história de suas revelações sobre as capacidades e as aspirações do espírito humano. Não é nas reações do laboratório, mas na apreciação por um padrão ideal dos fins aos quais a vida humana pode ser dedicada que aprendemos mais verdadeiramente o que é a mente do homem. "*La vraie science de l'esprit n'est pas la psychologie mais la métaphysique*"<sup>9</sup>.

## REFERÊNCIAS

ANNUAL MEETING OF THE AMERICAN PHILOSOPHICAL ASSOCIATION, 5., 1906, Cambridge. *Proceedings of the American Philosophical Association: The Fifth Annual Meeting, Emerson Hall, Harvard University, Cambridge, Mass., December 27-29, 1905*. Ithaca: The Philosophical Review, v. 15, n. 2, mar. 1906. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2177734>. Acesso em: 6 set. 2022.

TAYLOR, A. E. The Place of Psychology in the Classification of the Sciences. *The Philosophical Review*, Ithaca, v. 15, n. 4, p. 380-386, 1906. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/2177892>. Acesso em: 6 set. 2022.

---

### Wilder Silva de Souza

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil. Professor substituto da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB).

---

### Lauro de Matos Nunes Filho

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC, Brasil. Professor substituto do Departamento de Filosofia da UFSC.

---

### Endereço para correspondência

Wilder Silva de Souza  
Universidade de Brasília, *campus* Darcy Ribeiro  
Faculdade de Educação  
Departamento de Teorias e Fundamentos  
Asa Norte  
Brasília, DF, Brasil  
70910-900

*Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.*

---

<sup>9</sup> [N.T.] "A verdadeira ciência do espírito não é a psicologia, mas a metafísica".